

Ásia

Caxemira, do passado ao presente - Um barco à deriva

Daniel Pinéu

Arrastando-se há décadas, mas distante do olhar da opinião pública internacional, o conflito entre a Índia e o Paquistão em torno de Caxemira é uma longa história de tensões permanentes e guerras ocasionais. É-nos aqui oferecida uma abordagem histórica que permite melhor compreender as acções actuais dos protagonistas da crise.

Desde os dramáticos acontecimentos do passado 11 de Setembro, a atenção dos média, dos decisores e da opinião pública sofreram um recentramento acentuado, com as questões de segurança (inter)nacional a ocuparem um papel crescente. No entanto, também este recentramento tem sido selectivo: se as operações militares no Afeganistão, e as sucessivas escaladas do conflito israelo-palestiniano, têm merecido larga exposição mediática, o conflito de Caxemira apenas tardiamente prendeu a nossa atenção, quando se afigurou possível o emprego de armas nucleares, pela segunda vez na história.

Curiosamente, este conflito, que tem mais de 50 anos de uma história cheia de fricções e escaladas, que levou à guerra na Ásia do Sul em 3 ocasiões distintas, e que está relacionado com todas as grandes questões da política internacional – nacionalismo, conflitos étnicos, identidades, proliferação nuclear, terrorismo internacional – é frequentemente um dos “silêncios gritantes” da agenda internacional. Poucos são os que saberiam hoje, ao certo, apontar no mapa onde fica o verdejante vale de Caxemira, e o próprio nome não evoca, na população em geral, senão vagos ecos de um apreciado têxtil.

Os Caxemiris, esses, empregam um velho dito da região, quando se querem referir a uma situação caótica e confusa, dizem que estão “num barco à deriva”. E, no entanto, aí residia, há duas semanas atrás, a raiz do nosso medo.

As Raízes do Conflito

As raízes do conflito, essas, estão bem ancoradas nas duas maiores transformações macro-históricas que ocorreram no subcontinente asiático: a consolidação colonial britânica e a subsequente descolonização e partição política de 1947. O vale de Caxemira é uma região marcada por sucessivas ocupações e fricções político-militares. Depois de séculos de

presença Hindu e Budista, a região é convertida quase totalmente ao Islamismo no séc. XIV, e integra, a partir de 1586, o poderoso império Mugal. Tornada independente já em 1751, a região sofre de erupções periódicas de violência étnica e inter-tribal durante quase um século, até que é “pacificada” pelo Império Britânico, que em 1846 “cria” a região administrativa de Jammu e Caxemira, através do Tratado de Amritsar.

Estava instalada a semente da discórdia quando, mediante um pagamento generoso à Companhia da Índias Orientais, os britânicos instalam no poder um governante hindu (Raja Gulab Singh) numa área tradicional e fervorosamente muçulmana (mais de dois terços da população). Esta situação prolongou-se até à década de 20 e agravou-se com a chegada ao poder do Marajá Hari Singh. Em 1931 este movimento popular contra o governo de Hari Singh é brutalmente reprimido pelas forças do Marajá e, após uma série de incidentes menores, 23 pessoas morrem em confronto com a polícia estadual, em Srinagar. Este ficaria conhecido como o “Dia dos Mártires”, e assinala o começo da luta consciente e politizada contra Hari Singh (e o poder hindu na região, que ele representava).

A politização do movimento expressada, logo em 1932, quando Muhammad Allama Iqbal cria a Conferência Muçulmana de todo o Jammu e Caxemira, da qual o Xequê Muahmmad Adullah foi o primeiro presidente, e das figuras mais marcantes. Rapidamente este fórum político evolui para um verdadeiro partido político: a Conferência Nacional, com o objectivo explícito de transformar a região de Jammu e Caxemira num Estado confessional islâmico – posição muito próxima, aliás, da que iria ser assumida poucos anos mais tarde pelos “futuros paquistaneses”, liderados por Jinnah.

Os anos que se seguem são particularmente conturbados. Se até à década de 40 o conflito fora essencialmente uma questão regional ligada às linhas de fractura étnico-religiosa entre governantes e governados em Caxemira, a partir desta altura o conflito funde-se indissolavelmente com a questão da descolonização britânica, e com a formação dos estados (e identidades nacionais) da Índia e do Paquistão. Foi a época que ficou conhecida como a Partição, e que presenciou as primeiras grandes escaladas de violência em torno da questão de Caxemira.

Da Partição ao fim da Guerra Fria

Quando a Índia, graças à actuação de um grupo de activistas políticos liderados por Mahatma Ghandi, consegue a sua independência da coroa britânica, a situação no

subcontinente era caótica. Mais de 580 pequenos Estados, que antes haviam sido principados semi-independentes, tinha de decidir o seu destino: integração no novo Estado Indiano, ou independência. A situação complica-se ainda mais quando surge uma terceira opção: a acessão ao recém-criado Estado paquistanês.

O critério adoptado acabou por ser largamente confessional: estados de maioria hindu acediam à Índia, ao passo que estados de maioria islâmica acediam ao Paquistão. No entanto, em Caxemira, a situação foi especialmente confusa, quando surgiram rumores de que o território seria atribuído à Índia, uma parte da população caxemiri revoltou-se, e verificou-se uma invasão de “voluntários paquistaneses” das regiões tribais, forçando o Marajá Hari Singh a fugir para preservar a sua vida. A Índia aproveita a situação e troca uma garantia de segurança e apoio militar a Hari Singh, pela assinatura de um Acto de Acessão ao Estado indiano. Rapidamente o Marajá aceita, e coloca um território com um maioria superior a 75% de muçulmanos sob administração indiana. A Índia envia tropas para o vale, e em breve Paquistão e Índia estão envolvidos na primeira de 3 guerras por causa do disputado território de Caxemira.

Os conflitos armados de 1947, 1961 e 1971 não diferiram muito em natureza. Todos eles acabaram com um cessar-fogo, em geral mediado pela ONU, com maior ou menor pressão americana e do Conselho de Segurança. As três guerras tiveram como objectivo ganhar território no vale de Caxemira, disputando ao centímetro a linha de cessar-fogo, que viria a ficar conhecida como “linha de controlo”. Mais tarde, ambos os países viriam a acordar em manter as suas forças separadas, ao longo dessa ténue linha, por 10 km.

Ao longo das quatro décadas que mediam entre a partição (e a primeira guerra indo-paquistanesa) e o fim da Guerra Fria, as tensões territoriais mantiveram-se quase inalteradas. Com mais ou menos violência, por causa dos enquadramentos geopolíticos dos dois Estados (e, em 1962, pela entrada da China na disputa, ao ocupar 19% do território, que ainda hoje detém), o Paquistão continuou a reclamar um plebiscito para que a população caxemiri pudesse escolher o seu destino, apoiando clandestinamente os grupos insurgentes de forma paralela às negociações diplomáticas. Por sua vez a Índia, receosa de que a secessão de Caxemira desencadeasse movimentos semelhantes por todo o país, continua a manter que administra legalmente o território (por via do Acto de Acessão assinado por Hari Singh, entre outros dispostos legais), e como tal não aceita o plebiscito. Na década de 80, os dois países baixaram o nível da sua retórica e do seu envolvimento em Caxemira, sobretudo porque o Paquistão se encontrava então

profundamente envolvido no conflito afegão, a Oeste, apoiando, em conjunto com os Estados Unidos, a “resistência mujahedin” aos soviéticos.

De 1989-91 até aos nossos dias

Com a retirada soviética do Afeganistão, coincidente com o “princípio do fim” da Guerra Fria, o Paquistão encontra-se na posição de transferir a maioria dos seus recursos militares para o conflito de Caxemira. O financiamento e a ajuda militar que antes suportavam a campanha dos mujahedin afegãos transferem-se agora para Leste, aumentando assim as capacidades dos insurgentes caxemiris (registra-se quase de imediato um aumento exponencial na frequência e na intensidade de incidentes violentos) e aumentando também a instabilidade na região. Os anos 90 assistiram, assim, a duas tendências fortemente correlacionadas: o aumento do descontentamento popular dos caxemiris, demonstrado por inúmeras manifestações, protestos e motins; e o crescimento das milícias insurgentes, que procuram no Paquistão treino, armamentos e fundos.

Entre Janeiro e Maio de 1990, mais de 1,5 milhões de caxemiris, em sucessivas vagas, vêm para as ruas, protestando contra a “ocupação indiana”, pedindo um plebiscito, ou apoiando os líderes do movimento separatista. Nas várias ocasiões, as forças indianas actuaram com violência, reprimindo os protestos. No mesmo período, registam-se mais de 240 vítimas mortais dos confrontos, e mais de 36.000 famílias fogem da violência, vindo a engrossar os insalubres campos de refugiados da região.

Simultaneamente, milhares de jovens caxemiris, em resposta ao violento desenrolar dos acontecimentos, e com o encorajamento paquistanês, migram para o Paquistão em busca de treino paramilitar, armas e financiamento. Foi na década de noventa que o movimento insurgente Hizbul Mujahedin atinge o seu auge, enquanto muitos outros proliferam. O ISI estava ocupado a treinar estes novos mujahedin, como na década anterior tinha apoiado os mujahedin afegãos – e esperava que esta estratégia de “guerra por procuração” tivesse resultado de forma igualmente eficaz.

Na década de 90, o conflito atinge um novo patamar, desta feita com uma magnitude muito mais alarmante, com os testes nucleares de 1998. Há muito que se sabia que a Índia vinha a desenvolver, autonomamente, o seu programa nuclear. O Paquistão, por sua vez, procurava alcançar alguma paridade, com apoio técnico chinês. Assim, em Maio de 1998 a Índia testa 3 tipos de armas nucleares, e o Paquistão responde, alguns dias depois, com uma série de testes.

Logo em 1999 o mundo viu até que ponto este novo patamar, atingido por ambos os beligerantes, era perigoso. Patrulhas indianas descobriram infiltrações nas encostas de Kargil, e imediatamente a situação na região ameaçou explodir. Dados os arsenais (nomeadamente nucleares) de ambos os países e a retórica usada, a comunidade internacional apercebeu-se – tardiamente – do perigo que este “conflito de baixa intensidade” representava.

Hoje, a situação, infelizmente, não se apresenta significativamente diferente. Aliás, está mesmo mais explosiva. Desde os acontecimentos de 11 de Setembro de 2001 que todos os olhos se viraram para aquela região, e agora um novo eixo de perigo é evidente: a Al-Qaida. Os maiores medos, desde então, são que um de dois cenários de pesadelo se torne realidade: que o governo paquistanês moderado e laico de Mushrraf caia por terra, às mãos de extremistas islâmicos, que ficariam assim na posse de armas nucleares ; ou que os terroristas extremistas islâmicos que se têm infiltrado em Caxemira radicalizem de tal maneira o conflito que nem a Índia nem o Paquistão possam escapar à lógica da escalada nuclear (como esteve prestes a acontecer).

Mais uma vez, congratulámo-nos quando este barco não explodiu. Agora, as águas estão mais calmas, mas, armado com ogivas nucleares e desestabilizado por extremistas, este barco continua ainda, inegavelmente, à deriva.